



Alberto Tamer Filho\*

# Os desafios do novo cenário mundial

*Cumpra ao empresário preparar-se para fazer frente a esses novos tempos*

Já está mais ou menos claro, depois de passarmos uma valorização de quase 38% da moeda brasileira nos últimos dois anos, que o governo não tem intenção de realizar grandes alterações seja na política cambial, seja na política monetária. O BC está obviamente satisfeito com o desempenho da moeda ou, na pior das hipóteses, vê nessa valorização um problema, como afirmou seu presidente em um encontro com empresários, destacando os perigos da "doença holandesa" (a excessiva valorização do florim na década de 70 devido a descobertas de grandes jazidas de gás, que desorganizou a indústria de transformação na Holanda), mas que não está em sua alçada. A questão que fica para o empresário nacional é saber se esse cenário irá se perpetuar e como sobreviver com essas novas variáveis.

Avaliando historicamente os ciclos econômicos, podemos verificar que nos últimos dez anos um novo modo de crescimento se consolidou, colocando a produção asiática, capitaneada pela China, como principal motor de crescimento. Diferente do ciclo anterior, quando esse papel foi desempenhado pelos EUA, os novos agentes do dinamismo econômico mundial são pobres em recursos naturais e demandam necessariamente grande fluxo de matérias-primas. Esse desenvolvimento acelerado inflacionou naturalmente as commodities primárias (minérios, petróleo e produtos agrícolas) e particularmente as moedas dos países com excedente dessas matérias-primas. No ciclo anterior (do início do século até a década de 90) os EUA desempenhavam esse papel, sendo eles mesmos o grande provedor das matérias-primas necessárias. Inevitavelmente, países como Brasil, Canadá, Rússia, Austrália e África do Sul, bem como os

grandes exportadores de petróleo, passaram a ter suas moedas e seus balanços de pagamento pressionados. A grande maioria deles vem acomodando essa valorização das moedas a um modelo que não privilegia outras formas de indústria, aproveitando ao máximo esse ciclo e reinvestindo na produção de mais commodities primárias. Esse é o caso do Brasil, onde 80% da pauta de investimentos ocorre em setores como mineração primária, aço, papel e celulose, pecuária e agrobusiness ou infraestrutura para viabilizar esses investimentos. Movimento igual é observado no México, na Rússia e até mesmo no Canadá, cuja costa oeste, grande

**Tudo indica que o ciclo de industrialização mais completo no Brasil estará sendo postergado para as próximas gerações**

produtora de matérias-primas, está passando por um boom de crescimento em detrimento da indústria de transformação concentrada na costa leste. Alguns desses países como Brasil, Rússia e México têm a agravante de possuir uma grande população e o desafio de manter emprego em um modelo baseado na extração primária, que não é um criador de empregos.

Discussões políticas à parte, esse ciclo já está ocorrendo e o governo brasileiro, como tantos outros, está "surfando" nas boas condições naturais do País e não tem tido grande motivação para reaver o modelo, quer pela falta de propostas concretas, quer pela confortável situação de fechar as contas com certa facilidade nesse novo modelo de crescimento mundial.

Esse modelo poderá ter tropeços e desafios de curto prazo,

mas não podemos acreditar que todo um ciclo de industrialização ocorrido na Ásia, utilizando a extraordinária capacidade produtiva de sua mão-de-obra competitiva e barata, irá se desfazer nos próximos dois ou três anos. Esse ciclo deverá nos acompanhar por algumas décadas até sua maturação.

O empresário brasileiro que está envolvido no ciclo de produção de commodities básicas demandadas pela Ásia deve manter o investimento necessário, principalmente em infraestrutura e transporte, melhorando o desempenho cambial do País e forçando ainda mais no futuro a moeda. Em 2006 é possível que o Brasil seja exportador líquido de petróleo e derivados; nesse caso entraremos no seleto clube de doadores líquidos de energia em quase todas as formas.

A área de serviço bancário, que historicamente tem sido muito dependente do modus operandi de financiamento do governo, terá o desafio de ver suas receitas encolherem ante esse potencial ciclo de redução de taxas de juros. O movimento que observaremos é um novo papel nos financiamentos do investimento de infraestrutura e no atendimento da demanda reprimida no consumo que já está aparecendo com a desregulamentação do setor de crédito.

O grande perdedor nessa nova redistribuição será, indiscutivelmente, a indústria de transformação e sobretudo as voltadas para a exportação e/ou processos de substituição de importação. A moeda local, balizada pelo desempenho das commodities que sustentam o excepcional crescimento asiático, irá marginalizar crescentemente essas indústrias e o País, depois de algum tempo, será importador líquido da China e países satélites de produtos com maior valor agregado.

Alguns setores específicos ou nichos irão se beneficiar, seja por uma característica de baixa escala, seja por alguma particularidade de consumo ou controle sobre o processo de distribuição. Para os empresários desse setor, o grande empregador de mão-de-obra no País, o quadro que se aproxima, mantendo-se a atual política macroeconômica, é de extrema cautela e muito defensiva. Abrir opções de eventualmente se tornar um beneficiador da produção asiática e/ou fazer apenas a gestão da marca de bens produzidos no oriente podem ser estratégias vitais para a sobrevivência de algumas empresas que terão a China como competidora. Movimentar-se para nichos de mercado na exportação também será uma opção atraente e, nesse caso, o industrial deve se afastar dos grandes volumes e priorizar produtos seletivos, ficando à distância do ciclo asiático de produção.

Esses cenários podem ser revisados caso o País adote uma outra matriz macroeconômica e reveja seu posicionamento no mercado internacional. Isso poderia ocorrer por pressão do emprego, que é desprestigiado no atual modelo, ou por algum tipo de pressão política externa. Mas até este momento não vemos nenhum sinal de que o País como um todo tenha interesse, apesar da possibilidade, de desempenhar, no cenário internacional, papel diferente de um importante doador de matérias-primas e/ou produtos de primeira geração. Até o momento tudo indica que o ciclo de industrialização mais completo no Brasil estará sendo postergado para as próximas gerações. Cabe ao empresário se preparar para esses novos tempos.

\* Economista, sócio da Axial Consult, especializada em operações de reestruturação